



Apresentação. Literatura, canção, cinema, arquitetura. Cartas, jornais e novas mídias.

Ivã Carlos Lopes*

José Américo Bezerra Saraiva**

Reencontramos, neste novo número da *Estudos Semióticos*, a heterogeneidade de objetos de estudo que tem caracterizado nossas páginas e que decorre da própria abertura de interesses dos semioticistas, uma das marcas bem conhecidas da área. Onde quer que haja signos, textos, discursos e práticas sociais produzindo sentido, ali estará sempre um potencial terreno para a exploração semiótica. Esta edição não faz senão confirmar, na largueza de tipos de objetos bem como na pluralidade de visões teóricas, a notória envergadura do campo.

Da arquitetura paulistana às crônicas, da movimentação das redes sociais no Irã à atualidade política brasileira, do século XIX na literatura russa ao samba-canção das décadas de 1930 a 1950, passando pelos cartazes de filmes de cinema, o leitor é convidado a visitar um amplo leque de manifestações culturais e de linguagens.

Estamos honrados em dar a público o breve, porém denso, artigo de Iuri Lotman a respeito da literatura russa compreendida no período entre as intervenções de Púchkin e Tchékov. Concebendo a evolução da cultura como jogo de alternâncias entre épocas “explosivas” e épocas de desenvolvimento gradual, Lotman situa pontos marcantes do período em tela, que os estudiosos costumam designar como “clássico”. Além disso, distingue, em seu interior, dois grandes modos estruturais do fazer literário, pelos quais se contrapõem os escritores ligados a um sistema binário de percepção do mundo (Lérmontov, Gógol, Dostoiévski) e aqueles que ilustram uma percepção ternária, começando por Púchkin para mais tarde incluir um Tchékov, depois de fazer uma escala em Tolstói. E seus exemplos se multiplicam, a cada vez situando as obras em meio à dinâmica cultural da época. Traduzido diretamente do original russo pela professora Ekaterina Vólkova, eis aí um modelar ensaio de semiótica da cultura, bem representativo da mais madura e depurada fase da produção intelectual do grande semioticista russo.

Da filosofia de Wittgenstein provém a noção de “forma de vida” (*Lebensform*) que inspirou, na virada dos anos 1980 e 90, alguns dos últimos trabalhos de

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.150532>

* Editor responsável. Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: (lopesic@usp.br).

** Editor responsável. Docente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: (jabsaraiva@gmail.com).

A. J. Greimas. Reinterpretada à luz da semiótica, essa noção, que desde então vem favorecendo o enriquecimento da definição do ator discursivo e colaborando para a renovação das pesquisas em semiótica das paixões, norteia a análise empreendida por Edna Nascimento e Raissa M. de Oliveira acerca do livro de crônicas *Borracheiro*, publicado em 2013 por Fabrício Carpinejar. As autoras expõem a maneira como, nesse livro escrito com grande senso de humor, o poeta gaúcho vai construindo em primeira pessoa seu “homem do lar” pela exploração da ambivalência de sua imagem de ator, a oscilar entre uma forma de vida reafirmadora da identidade masculina tradicional, por uma parte, e uma possível mudança dos papéis socialmente sedimentados, por outra.

As estratégias de persuasão nas redes sociais são a matéria do artigo de Andrea Picciuolo (Zurique), focalizando o uso da plataforma Twitter por ocasião dos fortes protestos que se seguiram à reeleição, amplamente contestada, de Mahmoud Ahmadinejad à presidência da República Islâmica do Irã em junho de 2009. Ante a censura aos grandes órgãos midiáticos e a violenta repressão aos protestos de rua em Teerã, os opositores ao regime valeram-se então do Twitter como instrumento de *citizen journalism* para denunciar ao mundo os abusos dos governantes reconduzidos. Picciuolo monitora e analisa, nesse contexto, a hashtag IranElection com as inúmeras postagens a ela atreladas, estudando as variáveis narrativas e discursivas para o engendramento do fazer-crer, via rede social, nesse episódio da história recente que, sob diferentes aspectos, acabaria sendo avaliado como tentativa frustrada de mudança do poder na sociedade iraniana.

Falamos há instantes na semiótica das paixões, porém o assunto não é evocado apenas no trabalho de Edna Nascimento e Raissa de Oliveira. É também nesse território que intervém o estudo de Álvaro Caretta, tomando por objeto a canção brasileira em um recorte específico: o samba-canção, que o rádio começa a difundir nos anos 1930 e que vai conhecer seu apogeu nas duas décadas subsequentes com uma pujante sequência de sucessos populares. Remetendo ao modelo semiótico de Luiz Tatit para a análise da interação melodia-letra, o autor esmiúça as estratégias de agenciamento do fluxo fórico de paradas e continuidades (Claude Zilberberg), em grandes hits do período pré-Bossa Nova, tais como “Chão de estrelas” (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa) ou “Nunca” (Lupicínio Rodrigues), peças privilegiadas para se avaliar a dinâmica do “passional” na canção.

Ainda no universo cancional, o texto de Murillo Clementino de Araújo propõe algumas reflexões sobre a letra de *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque de Holanda, centrando sua atenção na construção do tempo, dos valores e do papel temático-figurativo da prostituta. Na análise do texto do compositor carioca, revelam-se tanto o intrincado jogo de manipulações e contra-manipulações entre a cidade e Geni, entre o comandante do Zepelim e a cidade e entre o comandante e Geni, quanto os fazeres sancionais que dão forma à hipocrisia generalizada nas instâncias de mando institucionalizado da cidade. Araújo faz ver que o estatuto axiológico e moral de Geni relativamente à cidade está na dependência direta da utilidade que aquela pode assumir conforme os programas narrativos de base que interessam a esta. O ser de Geni, todo composto de fazeres, é a princípio sancionado como plenamente disfórico, comportamento reprovável aos olhos da cidade sob todos os aspectos. Uma vez ameaçada de extermínio, a cidade passa a avaliar euforicamente

o fazer de Geni. No entanto, depois de ter intercedido em favor da cidade, Geni volta concessivamente ao estatuto de elemento disfórico, agora ainda mais degradada na escala moral da cidade.

Dois cartazes do filme *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen, constituem o foco da análise empreendida por Mariana de Souza Coutinho. A pesquisadora lança mão das contribuições teórico-metodológicas da semiótica plástica de Jean-Marie Floch e da semiótica das práticas de Jacques Fontanille para verificar se as estratégias empregadas na confecção dos cartazes tem por objetivo construir um enunciatório com o mesmo perfil do enunciatório do filme. Após a descrição dos cartazes e de suas estratégias de confecção, a autora constata que um deles logra construir um perfil de enunciatório mais próximo do enunciatório do filme de Woody Allen porque narrato-figurativiza com mais eficácia as questões da identidade e da relação entre o indivíduo e a cidade, temas dominantes no filme, segundo Coutinho.

Os artigos de Carolina da Silva Paquieli e de Dayane Celestino de Almeida investigam os procedimentos de constituição da identidade do enunciador. Paquieli examina como a aspectualização actorial atua no direcionamento argumentativo em duas notícias publicadas nos jornais *on-line* O Globo e O Dia, sobre a aprovação do pedido de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff em sessão da Câmara Federal presidida pelo deputado Eduardo Cunha. A autora descreve os mecanismos que aspectualizam os atores do discurso considerando inclusive a ação dos conteúdos passionais e tensivos, constata que o exame de tais mecanismos serve para a detecção do grau de presença do enunciador no enunciado, evidencia o incontestável caráter argumentativo das duas notícias analisadas e mostra o modo pelo qual se dá a construção de uma “subjetividade” enunciante, ou seja, de um dado ponto de vista específico responsável pela existência do noticiado. Pela análise de Paquieli, a combatida ideia da neutralidade do discurso jornalístico-noticioso sofre mais um revés quando a autora faz ver que os valores convocados para os textos estão submetidos à medida do que é socialmente da ordem da *falta*, do *excesso* ou da *justa medida*.

Almeida, por sua vez, se ocupa da recorrência semântica geradora de efeitos de sentido como meio para reconhecer o pertencimento do enunciador de textos curtos a um grupo social determinado ou a um dado universo de discurso. Analisa textos coletados pela polícia na investigação do “Massacre de Realengo”, crime que vitimou doze crianças numa escolha pública do Rio de Janeiro em abril de 2011. O artigo finda por contribuir com a prática forense ao dar mostras de como a semiótica greimasiana pode se constituir instrumental apropriado para investigar a autoria de textos curtos e pobres em termos informacionais, com o propósito de situar o seu enunciador, pela recorrência semântica, em possíveis grupos sociais que compartilhem valores, práticas, ideologias. Para Almeida, a análise da recorrência semântica dos textos auxiliaria os investigadores a selecionar com maior precisão possíveis suspeitos de um crime.

O texto de Luciana Pagliarini Souza apresenta uma leitura dos efeitos de sentido do ornamento arquitetônico contemporâneo dos edifícios da Av. Faria Lima, São Paulo, na construção do imaginário urbano. Pagliarini afirma que, depois da intervenção da Operação Urbana, a paisagem da avenida vê-se transformada pelo investimento em “linguagens” culturais variadas, e o valor imobiliário da área

conheceu um incremento em função daquele investimento. A área tornou-se símbolo de luxo e poder. Seus prédios corporativos estabelecem um forte diálogo com a cultura e a arte, fazendo alusões ao passado clássico, à estética kitsch, à Pop Art etc. Essas constatações conduzem a autora à conclusão de que na avenida não existe uma linguagem padrão, mas uma linguagem fragmentada que busca elementos composicionais em outros tempos e lugares. Para Pagliarini, tudo leva a crer que a proposta é trabalhar com o habitual, com o já conhecido, para promover o deleite dos transeuntes e evitar a irrupção da informação nova com o seu grau de estranhamento inevitável.

Os diversos objetos submetidos à análise neste número de nossa revista constituem-se unidade integradora em função da abordagem teórico-metodológica que lhes confere, pelas descrições realizadas, sua existência semiótica, ou seja, sua qualidade de objeto significante. Perceber-se-á, é esse o propósito, que a heterogeneidade dos objetos analisados encontra na significação, na sua condição de objeto significante, o ponto de ancoragem seguro para um tratamento uniformizador. Agora, é esperar que a leitura traga proveito e prazer para o leitor. Bem-vindo seja, então! ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Lopes, Ivã Carlos; Saraiva, José Américo Bezerra
Estudos Semióticos, vol. 14, n. 2 (2018)
ISSN 1980-4016;

Como citar este artigo

Lopes, Ivã Carlos; Saraiva, José Américo Bezerra. Apresentação. Literatura, canção, cinema, arquitetura. Cartas, jornais e novas mídias.. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 14, Número 2, São Paulo, julho de 2018, p. i-iv. Acesso em “dia/mês/ano”.
